



1. Mestra e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU UFBA), especialista pelo Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos (IX Cece UFBA), arquiteta pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA UFMG), professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) e do Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-Cece UFBA). Pesquisadora Associada do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFBA). Coordenadora Acadêmica da FAUFBA.

2. Mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU UFBA), especialista pelo Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos (IX Cece UFBA), arquiteto pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EA UFMG), professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), do Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-Cece UFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFBA). Coordenador do MP-Cece UFBA, diretor da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Anparq).

DOI: 10.5752/P.2316-1752.2014v21n28p120

CONFLITOS ENTRE A ARQUEOLOGIA E A ARQUITETURA: O TEMPLO MAYOR NA CIDADE DO MÉXICO E O PÁTIO FRANCISCANO EM OLINDA

CONFLICTS BETWEEN ARCHEOLOGICAL EXCAVATIONS AND THE URBAN HERITAGE: THE TEMPLO MAYOR IN MEXICO CITY AND THE SÃO FRANCISCO SQUARE IN OLINDA

LOS CONFLICTOS ENTRE ARQUEOLOGÍA Y ARQUITECTURA: EL TEMPLO MAYOR EN LA CIUDAD DE MÉXICO Y EL PATIO FRANCISCANO EN OLINDA

Juliana Cardoso Nery¹
Rodrigo Espinha Baeta²

Resumo

Este artigo visa a analisar ações que, nos últimos anos, têm provocado, em nome da Arqueologia, verdadeiras mutilações nos tecidos urbanos históricos. Avaliando-se duas polêmicas intervenções, almeja-se promover uma discussão sobre os conflitos gerados entre o desejo de se privilegiar a recuperação de vestígios soterrados da história em determinados sítios consolidados, em prejuízo da percepção do espaço arquitetônico e urbano. Os problemas poderiam ser assim formulados: até que ponto se justificaria a perda de fragmentos de tecido urbano preexistente, que compunham artisticamente a continuidade arquitetônica e urbanística de centros históricos reconhecidos pelo seu estado de conservação, em nome do estudo e, ou, exposição de ruínas e objetos vinculados a um período anterior e sepultados há séculos?

Palavras-chave: Escavações. Arqueologia. Intervenções no patrimônio edificado. Ruínas.

Abstract

This article aims to analyze actions that, in the last two centuries, have caused, in the name of archeology, true mutilations over the cities. The evaluation of two and polemic interventions, intend to promote discussion about conflicts between the desire to favor the recovery of traces of history buried in certain consolidated places, causing impaired perception of architectural and urban space. Consequently, the problems could be formulated this way: To what extent would justify the loss of fragments of preexisting urban landscape, that made artistically the continuity of architectural and urban historical centers recognized by their state of conservation, on behalf of the study and/or exposure ruins and objects linked to an earlier period and buried for centuries?

Keywords: Excavations. Archeology. Interventions in heritage buildings. Ruins.

Resumen

Este ensayo tiene como objetivo analizar las acciones que, en los últimos años, han provocado en el nombre de la arqueología, verdaderas mutilaciones en el tejido urbano histórico. Con la evaluación de dos intervenciones polémicas, nuestro objetivo es promover una discusión sobre los conflictos que se generan entre el deseo de favorecer la recuperación de los restos enterrados de la historia en ciertos sitios consolidados, causando la alteración de la percepción del espacio arquitectónico y urbano. Los problemas se podrían formular así: ¿Hasta qué punto había de justificar la pérdida de fragmentos de tejido urbano preexistente, ingeniosamente compuesto en la continuidad de los centros históricos urbanos y arquitectónicos reconocidos por su condición, en nombre del estudio y / o la exposición de las ruinas y objetos vinculados a un periodo anterior y enterrados por siglos?

Palabras clave: Excavaciones. Arqueología. Las intervenciones en el patrimonio construido. Ruinas

Este artigo almeja suscitar um debate que envolveria a temática da preservação de sítios antigos de indiscutível qualidade arquitetônica, consolidados e preservados, assentados em importantes núcleos urbanos, edificados, no entanto, acima de vestígios arqueológicos ancestrais de culturas e civilizações que teriam dominado as regiões em precedência, ou que se sobrepuseram a registros históricos que desvelariam, entre outros documentos de um passado distante, a morfologia das primeiras ocupações do território.

Consequentemente, os problemas poderiam ser assim formulados: até que ponto se justificaria a perda de fragmentos de tecido urbano preexistente, que compunham artisticamente a continuidade arquitetônica e urbanística de centros históricos reconhecidos pelo seu estado de conservação, em nome do estudo e, ou, exposição de fundações, alicerces, pisos, paredes, colunas, bem como artefatos e obras de arte (ruínas e objetos vinculados a um período anterior e sepultados há séculos)? É possível dizer, no que se refere à questão da preservação, que o vestígio mais antigo é sempre mais importante que o mais recente, e que, portanto, sua recuperação autoriza a destruição daqueles extratos mais novos e superficiais, mesmo se a massa edificada que está ocultando os resquícios arqueológicos subjacentes se reconhece como de capital importância? Qual é realmente a grande perda que esse tipo de atitude pode provocar para os centros históricos consolidados?

Logo, este artigo visa a analisar ações que, nos últimos dois séculos, têm provocado, em nome da Arqueologia, verdadeiras mutilações nos tecidos históricos. Avaliando-se diversas e polêmicas intervenções, almeja-se promover uma discussão sobre os conflitos gerados entre o desejo de se privilegiar a recuperação de ruínas soterradas da história em determinados sítios consolidados, em prejuízo da percepção do espaço arquitetônico e urbano.

As escavações do Templo Mayor na Cidade do México

No dia 25 de fevereiro de 1978, durante a abertura de uma fenda, com a finalidade de se colocar um cabeamento subterrâneo em um quarteirão vizinho à Catedral Metropolitana da Cidade do México, funcionários da Compañía de Luz y Fuerza del Centro encontraram, a uma pequena profundidade, um grande monólito com mais de três metros de diâmetro e cerca de 30 centímetros de espessura. Essa pedra, aproximadamente circular, apresentava uma escultura em alto relevo, que representava a deusa asteca da lua (Coyolxauhqui), ídolo que se assentava na escadaria à direita da pirâmide do Templo Mayor, principal recinto cerimonial da antiga capital dos astecas,³ Tenochtitlán.

Essa significativa descoberta levaria o Instituto Nacional de Antropología e Historia (INAH) a dar início a um vasto programa de investigações arqueológicas na área, ação desenvolvida em longo prazo, conhecida como Proyecto Templo Mayor. A consequência mais imediata desse complexo programa foi a escavação, já iniciada em 1978, de mais de 1,35 hectares na zona

3. Também conhecidos como mexicas.

adjacente à descoberta do monólito, em nome da exibição, a céu aberto, de importantíssimos testemunhos da imensa área sagrada localizada em uma plataforma ao centro da pujante capital dos mexicas: particularmente das fundações e alicerces das 13 etapas construtivas do Huey Teocalli,⁴ o Templo Mayor de Tenochtitlán; as quatro etapas da chamada Casa de las Águilas; bem como restos de organismos arquitetônicos e milhares de objetos, esculturas e pinturas murais, que se espalhavam nas proximidades, acima do terraço. Além disso:

O projeto também teve, a seu encargo, o condicionamento da zona arqueológica do Templo Mayor, tanto para a visitação turística, a conservação dos monumentos arquitetônicos e escultóricos da zona, a restauração dos artefatos e dos ecodados recuperados, a criação de um museu do sítio que expõe os materiais que foram produto das escavações quanto para o estabelecimento de um centro de investigação especializado na cultura mexicana e na Arqueologia do chamado primeiro quadro da Cidade do México (LUJÁN, BALDERAS, 2010, p. 296, tradução nossa).

A qualidade e o zelo das escavações e do tratamento do sítio arqueológico impressionam. É cativante caminhar por passarelas abertas em meio aos alicerces das etapas construtivas do Templo Mayor e compreender o sistema de substituição de um *teocalli* mais antigo por outro que se sobrepunha a ele, aumentando sobremaneira suas dimensões: uma situação privilegiada, já que permite a compreensão do processo de desenvolvimento arquitetônico do monumento por meio da revelação das bases de seis pirâmides expostas dentro do que seria a estrutura maior do *Huey Teocalli*, a última e mais recente “camada”: aquela enorme estrutura que o conquistador Hernán Cortés teria visto em 1519 e, posteriormente, com a ajuda dos primeiros invasores peninsulares, empenhado-se em destruir juntamente com outros tantos imponentes edifícios da cidade de Tenochtitlán (FIG. 1 a 3).

Por outro lado, caminhando pelas passarelas do sítio arqueológico, é possível deparar com outra série de ruínas dispersas de construções rituais do antigo centro cerimonial, tudo delicadamente preservado e com informações contidas em uma comunicação visual eficiente e esclarecedora. Também interessante é apreciar a arquitetura do Museu del Templo Mayor, que se levanta na periferia das escavações, ainda dentro da área desobstruída do centro histórico. A obra de 1987 é do renomado arquiteto mexicano Pedro Ramírez Vázquez, mais conhecido pelo projeto do Museu de Antropología da Cidade do México. Para além do edifício em si, o museu expõe, em seu acesso, uma ilustrativa maquete que reconstitui o recinto sagrado da capital asteca. Também acolhe, em grande destaque, a pedra de Coyolxauhqui, bem como milhares de artefatos e obras de arte descobertos durante as escavações da área.

Contudo, não obstante o caráter fascinante que as ruínas do Templo Mayor podem causar ao visitante, as escavações provocaram a abertura de um imenso vazio na área de ocupação mais primitiva da cidade colonial, a dois passos da Catedral Metropolitana e da praça principal, conhecida como El Zócalo.

4. *Teocalli* é uma palavra nautle (a língua dos antigos astecas), que significa “Casa de Deus”; ou seja, o termo asteca para “templo”.



Figura 1 • Uma das etapas construtivas da pirâmide do Templo Mayor revelada nas escavações. Fonte: fotografia nossa, 2009.

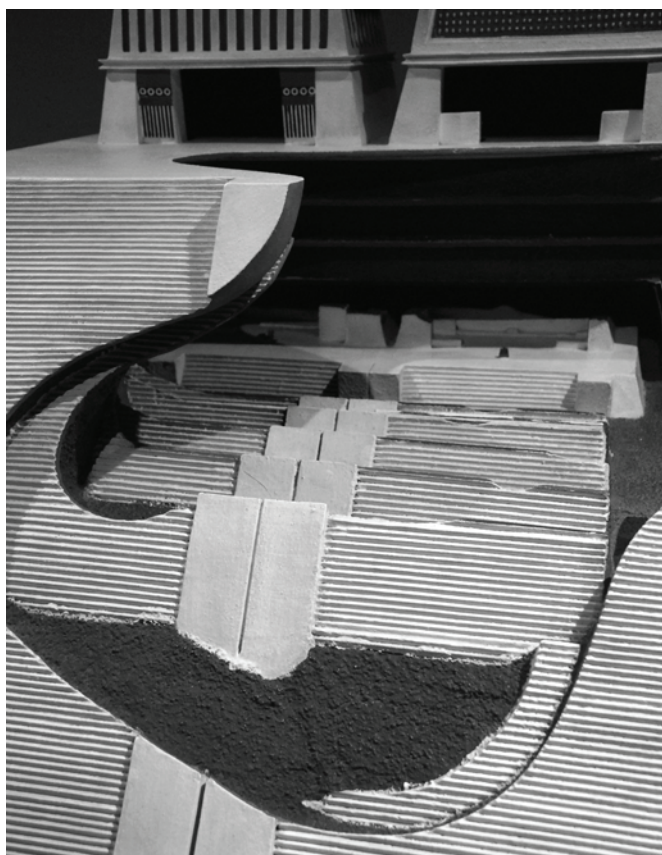


Figura 2 • Detalhe da maquete do Huey Teocalli, mostrando suas etapas construtivas. Museu do Templo Mayor, Cidade do México. Fonte: fotografia nossa, 2009.



Ao abrir esta “clareira” para empreender os estudos arqueológicos e observar as ruínas a serem expostas, 13 edifícios de diversas épocas, que compunham ao menos dois quarteirões do centro histórico, foram jogados abaixo. Os arqueólogos Leonardo López Luján e Ximena Chávez Balderas, profissionais que têm atuado diretamente no Proyecto Templo Mayor, discutindo os problemas que comumente derivam das escavações dos vestígios de Tenochtitlán sobre a área central da capital mexicana, afirmaram:

Esta área, declarada patrimônio da humanidade pela UNESCO, acolhe o conjunto monumental com maior riqueza artística e histórica do continente americano. Lá coexistem edifícios de uma qualidade excepcional, pertencentes a estilos tão diversos, como o barroco, o neoclássico, o eclético porfiriano, o art nouveau, o art déco e o neocolonial. Em muitos casos, trata-se dos mais belos expoentes da Arquitetura ocidental no Novo Mundo, sem que isso signifique que estejam isentos das contribuições de uma cultura local caracterizada pela sua grande vitalidade. Em tal contexto, o paradoxo consiste em que qualquer tentativa ambiciosa para recuperar os restos materiais de Tenochtitlán e reconstruir a história de seus habitantes implica sacrificar uma parte imprescindível da herança colonial e dos séculos XIX e XX (LUJÁN, BALDERAS, 2010, p. 294-296, tradução nossa).

Ou seja, a exposição das ruínas dos alicerces do Templo Mayor acabaria criando um grave problema e gerando uma importante discussão: o valor, indubitavelmente inestimável, das descobertas arqueológicas no centro histórico de conformação colonial da Cidade do México compensa ou justifica a perda de 13 construções e a abertura de um desolado buraco na mais importante área do centro histórico? Para embasar o debate, seria necessário discorrer sobre o processo de desenvolvi-

Figura 3 • Sítio arqueológico do Templo Mayor. Panorama das pirâmides ancestrais que estavam ocultas por aquela maior que Cortés teria visto em 1519 e desmontado após a conquista da capital asteca. Fonte: fotografia nossa, 2009.

mento urbano da área, particularmente a formação e a constituição da paisagem urbana da capital mexicana.

Sobre Tenochtitlán

Após as primeiras décadas de colonização dedicadas à conquista e ocupação das ilhas e costas do Caribe, os espanhóis deparariam com realidades muito mais complexas e atraentes, que coincidiriam com as regiões nas quais as mais adiantadas culturas autóctones americanas estariam habitando há mais de quatro milênios, áreas que viriam a se tornar os territórios mais importantes entre as vastas e diversas regiões destinadas à colonização. Em maior destaque apareceriam os domínios do poderoso império dos Astecas, sediado no planalto mexicano. Por ocasião da invasão espanhola, essa cultura nativa teria subjugado, há algum tempo, a maioria dos povos que viviam nas partes mais desenvolvidas da Mesoamérica.⁵

Segundo diversas estimativas atribuídas a muitos dos autores que estudaram as culturas mesoamericanas (LEÓN-PORTILLA, 2003, p. 29), o México Central, a área mais importante sob o domínio da civilização asteca, chegaria a contar com uma população entre 12 e 25 milhões de indivíduos por ocasião da conquista. Mesmo a menor das cifras seria impressionante em relação às 7 milhões de pessoas que deveriam viver na Espanha por volta de 1492. Seguramente, em termos de urbanização, seria a última e a mais desenvolvida das etapas históricas das civilizações mesoamericanas (HARDY, 1999, p. 163).

Ponderando especificamente sobre a sede do império dos mexicas e baseado em relatos de conquistadores que conviveram com a capital asteca de 12 de novembro de 1519, quando Hernán Cortés e seus homens chegaram ao núcleo central, a convite do imperador Moctezuma II, até 13 de agosto de 1521, quando cairia a última resistência imperial, cronistas assegurariam um número de, pelo menos, 60 mil habitações espalhadas pelo núcleo urbano. Em razão dessa quantidade de casas avaliada pelos espanhóis que tomaram a cidade, usualmente o número de habitantes de Tenochtitlán seria estimado em cerca de 300 mil, cifra que parece um pouco exagerada para alguns autores, mas que seria confirmada com segurança pelos contemporâneos, bem como pela maioria dos investigadores do tema. Hardy (1999, p. 166) que, a princípio, veria certo abuso no cálculo tradicional, não conseguiria propor uma nova estimativa, mas avaliaria que a população da capital asteca alcançaria bem mais que a metade do considerado; ou seja, atingiria um patamar muito superior a 150 mil habitantes. Qualquer uma das suposições seria surpreendente, levando-se em consideração que nenhuma cidade espanhola, por ocasião da conquista, chegasse próximo a essa cifra; por outro lado, poucos núcleos urbanos europeus ultrapassariam os 100 mil habitantes no século XVI.

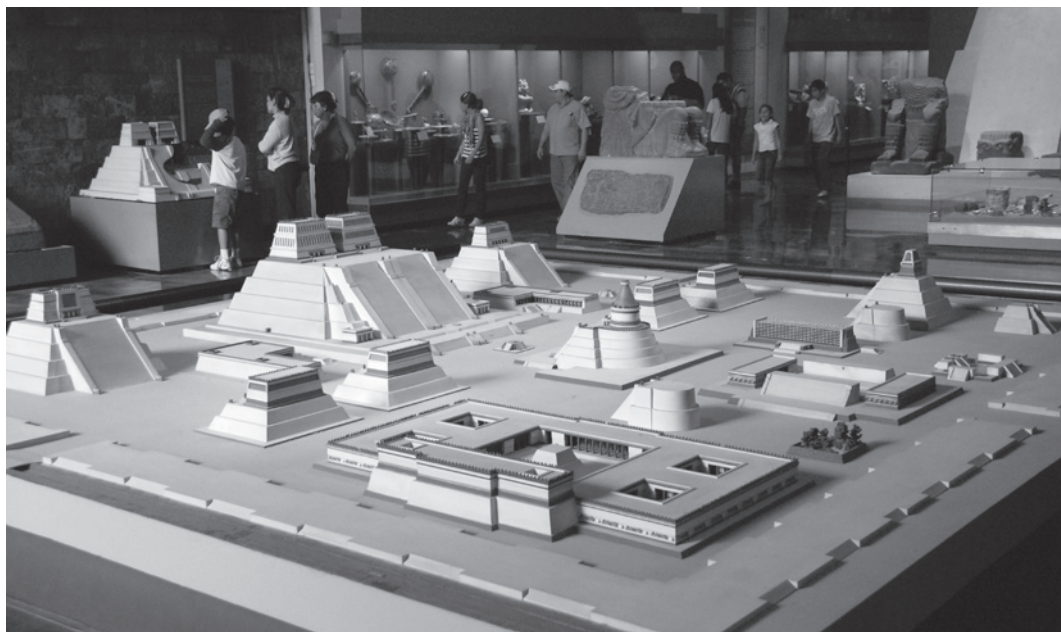
Na cidade, que fora levantada na pequena ilha do lago Texcoco, as casas, em sua maioria, estariam distribuídas nos quatro bairros próximos às áreas de *chinampas*, método de agricultura comum no vale do México, onde verduras e flores eram cultivadas em áreas retangulares que flutuavam acima da su-

5. Mesoamérica é uma região do continente americano que coincide, aproximadamente, com as áreas centrais e meridionais do território mexicano, delimitando-se, ao norte, pelo Rio Fuerte, bem acima do que hoje seria a capital do país, e envolvendo todas as regiões abaixo (como Oaxaca, Chiapas, Yucatán), além, de outros países, como a Guatemala, El Salvador, Belize e as partes ocidentais da Nicarágua, Honduras e Costa Rica. Mais importante seria o fato de a Mesoamérica ter acolhido as grandes civilizações pré-colombianas das Américas do Norte e Central, como os olmecas, zapotecas, teotihuacanos, maias, totonacas, mixtecas, toltecas, astecas.

perfície de lagos e lagunas. Esses bairros possivelmente se organizavam por meio de uma divisão conseguida mediante a presença de quatro calçadas retilíneas, ordenadas segundo os pontos cardeais, caminhos que venciam as águas do lago Texcoco. Dentro da ilha, as calçadas poderiam se transformar em avenidas regulares que alcançariam a plataforma na qual seriam levantados o citado *teocalli*, a pirâmide do Templo Mayor da capital asteca, e um número significativo de monumentos dispersos regularmente entre os espaços vazios rituais da vasta plataforma que constituía o recinto sagrado da cidade (FIG. 4 e 5).

Figura 4 • Pintura mural da Sala Asteca do Museu de Antropologia da Cidade do México reconstituindo o cenário de Tenochtitlán. Fonte: fotografia nossa, 2009.

Figura 5 • Maquete que reconstitui a plataforma sagrada de Tenochtitlán. Museu de Antropologia da Cidade do México. Fonte: fotografia nossa, 2009.



De Tenochtitlán a Cidade do México: a Plaza Mayor

Após a tomada da cidade, em 1521, com a ideia de apagar todo e qualquer resquício da preexistente metrópole pré-colombiana, Cortés escolheria o próprio sítio de Tenochtitlán como a base topográfica para acolher aquela que viria a ser a mais importante cidade da América hispânica, a capital do Vice-Reinado da Nueva España. Assumindo o princípio da tábula rasa e da sobreposição, imediatamente se pensou em um moderno desenho viário para o novo núcleo urbano espanhol. Curiosamente, o *designer* da nova cidade de origem peninsular, o agrimensor e mestre de obras, Alonso García Bravo, concebeu o realinhamento regular da Cidade do México (então Nueva Tenochtitlán), preservando as principais vias do ancestral núcleo asteca, os eixos distribuídos ortogonalmente que comporiam as quatro avenidas que atingiriam o *teocalli*, artérias que hoje estão dispersas na grelha viária da região central.

Mesmo assim, a herança monumental deixada pelos mexicanos iria gradativamente desaparecer após o desmantelamento dos grandes edifícios de Tenochtitlán, vestígios do império subjugado, ocultos logo abaixo das construções coloniais que os esconderiam. A área mais importante da cidade colonial, a Plaza Mayor, seria aberta, não por acaso, adjacente ao que seria a plataforma cerimonial de Tenochtitlán. Na verdade, parte de El Zócalo iria se sobrepor diretamente ao antigo recinto sagrado, particularmente na área na qual seria levantada a Catedral. Mesmo não alcançando o tamanho desmesurado da antiga plataforma, a *plaza mayor* da capital do antigo Vice-Reinado da Nueva España contaria com uma extensão desconhecida para as cidades europeias contemporâneas: com impressionantes 350 metros de comprimento por 250 de largura.

Já o complexo da Catedral, incluindo seu estonteante sacrário barroco, projetado pelo arquiteto espanhol Lorenzo Rodríguez, ocuparia uma área quadrangular de aproximadamente 140 metros de lado, constituindo um sólido volume que se destacaria, dramaticamente, pela sua colossal massa construtiva: a maior igreja erguida na América colonial, assentada no âmago da mais extensa das praças virreinais. A sede episcopal, desse modo, não se diluiria e nem se apagaria no gigantesco vazio da esplanada. Exercendo o papel de protagonista na composição do drama encenado no Zócalo, despontaria como o mais imponente evento arquitetônico da cidade virreinal, assim como era o papel do Huey Teocalli para Tenochtitlán.

Sobre a *traza* da Cidade do México

Quando se analisa a conformação dos núcleos urbanos fundados pelos espanhóis nas Índias Ocidentais durante o Período Colonial, fica latente o processo de desenvolvimento de uma tipologia regular de cidade: uma tendência

de ordenação referente ao plano gerador dos assentamentos humanos criados (e algumas vezes sobrepostos a antigos aglomerados pré-colombianos), que teria sido repetida inúmeras vezes, nas mais diversas regiões do vastíssimo território sob o domínio da metrópole peninsular. Segundo Nicolini (2005, p. 29), o delineamento regular das cidades fundadas na parte hispânica do grande continente aspiraria, gradativamente, a um esquema cada vez mais rigoroso, culminando na realização de um modelo de cidade que apresentaria uma organização absolutamente cartesiana: a cidade projetada de forma reticular, com quarteirões e *plaza mayor* quadrangulares ou retangulares.

No caso da Cidade do México, Alonso García Bravo projetaria a *traza* após 1521, seguindo a recente tradição de elaboração do *design* das cidades hispano-americanas por meio de uma grelha obsessivamente ordenada, apesar da apropriação de parte das antigas vias que rasgavam a capital asteca. Nas centúrias subsequentes à fundação e à implantação da cidade ortogonal, o rígido plano abstrato, que tomaria forma na primeira metade do século XVI, com o assentamento do sistema viário, teria sua imagem preexistente potencializada pelo crescimento interno da cidade, mesmo admitindo a manutenção integral da estrutura viária colonial. O primeiro aspecto essencial desse processo de transformação iria se dar pela gradativa subdivisão dos desmedidos *solares* destinados aos conquistadores e fundadores em diversos lotes de menores dimensões.

O gabarito superior das construções que ocupariam o lugar das antigas casas isoladas, bem como a constante regularidade das alturas dos sobrados, a multiplicação das edificações e a consequente ausência dos vazios que despontariam nas testadas dos *solares*, tudo isso somado ao fato de as edificações civis se apresentarem contíguas, agregadas umas às outras e rigidamente alinhadas com as vias, atribuiriam aos panoramas retirados de dentro da grelha ortogonal um forte impulso perspectivo.

A interminável sequência das fachadas dos sobrados residenciais ou de uso misto, ordenada de forma retilínea, flanqueando as duas faces das vias mais importantes, produziria “paredes” de edificações trabalhadas com ricas, ritmadas e variadas modenaturas, marcações que colaborariam para a aceleração daquela fuga em profundidade que buscaria o plano infinito, não obstante as interrupções dos cruzamentos regulares.

Para além disso, a área central da Cidade do México, declarada Patrimônio da Humanidade em 1987, tem preservado, com poucas alterações, o aspecto que seria consolidado no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX. Um cenário no qual a imensa Catedral, assentada no colossal vazio da Plaza de Armas, assim como uma grande quantidade de igrejas, com suas altas torres e suas maciças cúpulas, despontariam como “figuras” no “fundo” regular da massa edificada distribuída pela grelha ortogonal do núcleo urbano (FIG. 6 e 7).



Figura 6 • Ilustração confeccionada por Casimiro Castro, em meados do século XIX, de um balão aerostático. Nela se vislumbra a Catedral assentada no colossal vazio da Plaza de Armas, assim como a grande quantidade de igrejas, com suas torres e cúpulas despontando como “figuras” no “fundo” regular da massa edificada distribuída pela grelha ortogonal do núcleo urbano. Imagem do estofado de uma poltrona pertencente ao acervo do Museo de la Ciudad de México. Fonte: Rodrigo Baeta, 2009.



Figura 7 • Imagem aérea da praça principal (El Zócalo) da Cidade do México. Seria aberta ocupando uma parte da antiga plataforma sagrada da capital asteca, justamente a área na qual seria edificada a monumental Catedral. Fonte: CEHOPU (1989, p. 189).

Nesse sentido, a rígida estrutura viária preexistente acabaria favorecendo a busca por expressões arquitetônicas que pudessem destacar os edifícios religiosos na extensa e repetitiva superfície da grelha; e aqui entraria uma das maiores contribuições barrocas à conformação da paisagem urbana transfigurada nos séculos XVII e XVIII. De fato, grande parte das construções religiosas que se espalhariam pela cidade já teria sido erigida no século XVI, normalmente contando com um pequeno recuo aberto para dentro do quarteirão, espaço conquistado na *manzana*, deslocando a igreja do alinhamento das construções ordinárias, para conformar, desse modo, seu adro e marcar sua condição hierarquicamente superior. Ou seja, o realce dos edifícios religiosos não poderia ser comandado apenas pelas suas modestas inserções urbanísticas. Notadamente, a estrutura dramática perseguida seria alcançada por meio das intervenções que as igrejas sofreriam durante o período barroco (FIG. 8 e 9).

Fragmentação da paisagem urbana do centro histórico da Cidade do México: as escavações do Templo Mayor

Nesse sentido, as fraturas decorrentes das escavações empreendidas a poucos metros a nordeste da Catedral Metropolitana da Cidade do México recaem em uma série de problemas vinculados à temática da preservação desse sítio histórico de valor artístico inestimável, de características urbanísticas e pai-

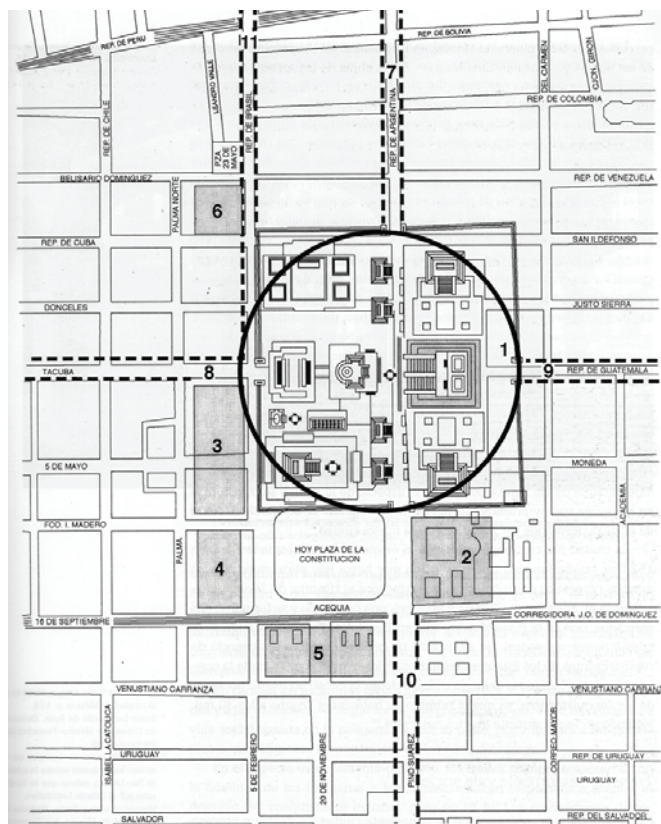


Figura 8 • Perspectiva da Rua República de El Salvador, com destaque para a torre do complexo do Oratório de São Felipe Néri. Fonte: fotografia do autor, 2009.

Figura 9 • A recuada fachada-retábulo churrigueresca do Oratório de São Felipe Néri. Este conjunto proporcionaria um interessante jogo cenográfico lançado na rígida grelha ortogonal. Fonte: fotografia do autor, 2009.



Não há dúvidas, como fica claro nesta explanação, a importância de se estudarem e exporem as ruínas de monumentos levantados pela civilização asteca, cultura ancestral determinante para a formação do povo mexicano. Foi comentada a qualidade arquitetônica e museológica que a área do Proyecto Templo Mayor recebeu nas suas três décadas de existência. Mas as perdas no centro vivo derivadas dessa intervenção não podem ser toleradas no que tange à preservação integral de um dos mais impressionantes cenários urbanos coloniais existentes.



Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v.21, n.28, 1º sem. 2014



Figura 11 • Imagem de satélite da Plaza Mayor (El Zócalo) da Cidade do México. As escavações do templo estão no alto, à direita, assinalada. Fonte: GOOGLE EARTH, 2013.



Figura 12 • Interrupção da sequência de fachadas alinhadas que compunham a face leste do Zócalo, em razão das escavações do Templo Mayor. Fonte: fotografia do autor, 2009.

A questão passa pelo reconhecimento de que o grande monumento do centro histórico da Cidade do México não é o Templo Mayor, não é a Catedral, o Palácio Nacional ou qualquer outro edifício oficial ou religioso. O monumento mais significativo da capital é, na verdade, o próprio centro histórico, com todas as suas nuances arquitetônicas e urbanísticas que remontam, especialmente, aos séculos coloniais. Esse monumento, animado e pulsante em sua apropriação humana, foi profundamente, mas não irremediavelmente, afetado pelas escavações do Huey Teocalli.

A fragmentação do Pátio Franciscano da cidade de Olinda

Em 1956, o historiador da arte francês, curador-chefe do Museu do Louvre, Germain Bazin, difundiu um dos mais importantes estudos sobre a Arquitetura colonial brasileira, fruto de pelo menos dez anos de investigações sobre os edifícios eclesiásticos barrocos, os quais impressionariam profundamente o pesquisador e já despertariam seu interesse quando esteve no Brasil em sua primeira visita, em 1945. O livro “L’architecture religieuse baroque au Brésil” é ainda a mais completa e extensa obra publicada que versa sobre a arquitetura de igrejas, conventos, mosteiros, colégios edificadas na América lusitana no Período Colonial.⁶

Em um dos mais célebres capítulos do primeiro volume do livro, sessão intitulada “Uma tradição arquitetônica: a Escola Franciscana do Nordeste” (BAZIN, 1983, p. 137), o autor desenvolveria uma análise que conseguiria sintetizar, por meio de reduções morfológicas, compositivas e tipológicas, o que ele distinguiria como uma rica e original criação da arquitetura brasileira, manifestação artística sem precedentes claros em Portugal: o conjunto formado pelas estruturas eclesíásticas franciscanas do Nordeste.⁷ As bases para a caracterização dessa tradição arquitetônica iriam se fundamentar no reconhecimento de uma série de padrões de conformação edilícia que seriam seguidos (com muitas variações, mas dentro de certa estrutura tipológica) pelas igrejas, conventos e pelos seus respectivos adros. Todos os mais importantes conjuntos franciscanos nordestinos, fundados, em sua maioria, no final do século XVI e início do XVII, mas reconstruídos, invariavelmente, a partir da segunda metade do século XVII, iriam se render ao léxico desenvolvido na Colônia: conventos franciscanos como os de Ipojuca, Serinhaém, Cairu, Santo Antônio de Paraguaçu, Igarçu, Recife, Olinda, Penedo, Marechal Deodoro, Salvador, São Cristóvão, João Pessoa e São Francisco do Conde.

Um dos aspectos tipológicos mais interessantes que envolveria a “Escola Franciscana do Nordeste” estaria ligado ao tratamento que receberiam os adros de todos os conjuntos religiosos. Os grandes espaços vazios à frente das igrejas e dos conventos comprometeriam diretamente o cenário urbano, já que os chamados pátios franciscanos, não obstante serem áreas privativas das ordens religiosas, eram frequentemente abertos ao público, conformando uma das principais praças dos núcleos urbanos coloniais; como os casos, em destaque, do largo aberto à frente do conjunto franciscano de Santa Cruz, na cidade de São Cristóvão, em Sergipe (inscrito na lista do patrimônio mundial da UNESCO, no ano de 2012), ou o pátio da Igreja da Ordem Primeira de São Francisco de Assis, em Salvador.

Artisticamente, o adro se configurava como um espaço oco, contido por paredes de edificações alinhadas e contíguas, algumas vezes encerrado por pitorescos muros convergentes, ou com seus limites definidos por uma tênue separação entre o recinto urbanizado do largo e a paisagem natural, formada por bosques ou jardins, que despontaria para além do recinto sagrado, como seria o caso do conjunto de Olinda. Quase sempre, o eixo principal do conjunto iria se desenvolver em direção à estrutura protagonista, ou seja, apontaria para a igreja da ordem primeira, com um cruzeiro de pedra, geralmente monumental, exposto à frente de sua fachada.⁸ Para além disso, o complexo alcançaria, amiúde, o patamar de obra-prima da composição arquitetônica e da conformação do espaço urbano, em razão do eficiente tratamento paisagístico oferecido para aquele trecho de cidade. Cenários dramáticos, filiados à poética barroca, marcados por alguns elementos essenciais: o dinâmico adro, diversas vezes assentado em planos distintos, em aclave ou declive; a imensa cruz de pedra, lançada acima de uma maciça peanha em forma de sino; a igreja disposta à frente, com seu inebriante frontispício enquadrando a perspectiva em profundidade; frontaria articulada em três níveis, com uma inusitada conformação triangular, reforçada pelo fato de

7. Os conventos que conformariam a chamada “*Escola Franciscana do Nordeste*” passam, atualmente, por análise para entrarem na lista da UNESCO de patrimônio mundial. Seria um registro inédito para o Brasil, já que se trata de um conjunto de edificações dispersas em um imenso território, e não um monumento específico, um sítio histórico ou uma área de preservação natural ou arqueológica.

8. Segundo Bazin, “O culto franciscano pela paixão levou-os a colocar, diante do frontispício, uma grande cruz que servia às procissões de via-sacra, especialmente durante a Semana Santa” (BAZIN, 1983, v. 1, p. 151).

a torre única estar recuada em relação à fachada, com uma profunda galilé aberta em cinco arcadas: seria o caso, entre outros, dos adros de Santo Antônio da Paraíba, em João Pessoa; Santo Antônio de Paraguaçu, em Santiago do Iguape, na Bahia; Santo Antônio de Cairu, também na Bahia⁹ (CAMPELO, 2001, p. 46).

Indubitavelmente, um dos conjuntos mais importantes e preservados, e até há pouco tempo plenamente integrados ao sítio histórico, é o complexo de Nossa Senhora das Neves, em Olinda. Foi o primeiro convento franciscano fundado no Brasil, em 1585, mas a sua primitiva estrutura foi incendiada pelos holandeses em 1631 (BAZIN, 1983, v. 2, p. 129). O aspecto que o conjunto guarda atualmente remonta, em parte, à segunda metade do século XVII, quando o convento seria reconstruído e seu adro receberia o tratamento que até pouco tempo o caracterizava. Sua inserção na inebriante paisagem certamente foi um dos fatores determinantes para que o centro histórico da cidade fosse eleito pela UNESCO, em 1982, Patrimônio Cultural da Humanidade.

Como tantos outros conjuntos religiosos, a grande estrutura do complexo franciscano encontra-se diluída nas idílicas colinas verdes de Olinda, entre a mata tropical e o mar; uma movimentada e alva massa construtiva, formada por vigorosos volumes reentrantes e salientes, cobertos por telhados alaranjados, imersos em contraponto à deslumbrante paisagem natural, onde as altas e esguias palmeiras competem com seu campanário, bem como com as torres das outras inúmeras igrejas de Olinda, também justapostas ao verde e ao mar. Coerente com os outros conjuntos franciscanos nordestinos, seu pátio expunha uma articulação profundamente significativa para a arquitetura da cidade: envolvido pela massa verde natural, apresentava-se como o espaço sagrado que se abria, em suave aclave, ao eixo da igreja, com o grande cruzeiro de pedra protagonizando a imagem que se retirava da zona central do adro (FIG. 13).

9. É importante salientar que havia muitas variações no partido básico do tratamento dos adros e das fachadas. Por exemplo, em Salvador e São Francisco do Conde, as igrejas apresentam duas torres. Nesses templos e nos de São Cristóvão e de Marechal Deodoro, as torres estão alinhadas com o frontispício. Em Salvador, a igreja não se abre para uma galilé. Por outro lado, em diversas situações, a galilé apresentaria três vãos e não cinco: Olinda, São Cristóvão, Penedo, etc.

Figura 13 • Pátio franciscano de Olinda, antes das intervenções arqueológicas da década de 2010. Fonte: MENEZES, 2007, p. 111.



Todo esse equilíbrio entre a poderosa arquitetura, o espaço da praça, o imponente cruzeiro e a paisagem selvagem seria prejudicado, a partir do ano de 2002, quando, de forma acidental, foram feitas algumas descobertas arqueológicas no Pátio Franciscano. No “Relatório Intermediário do Plano Diretor de Conservação do Conjunto Franciscano de Olinda”, elaborado, em 2006, pelo CECI (Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada), o professor Sílvio Zancheti e seus colaboradores narraram o acontecido:

Em fevereiro desse ano [2002], foram achados vestígios do antigo adro franciscano – um beijo de pedra lavrada –, por ocasião das instalações do canteiro de obras do Projeto de Recuperação do Largo e Cruzeiro de São Francisco. Quando estava sendo cavado um buraco no terreno para se construir a fossa séptica do sanitário dos operários, o mestre de obras deparou-se com uma laje de pedra. Devido à sua experiência em obras de restauro, o mestre solicitou a presença da equipe de arquitetos e arqueólogos da Municipalidade, que realizou uma varredura no local usando o método Ground Penetrating Radar (GPR). O resultado da interpretação dos dados denunciou uma área sólida mais ou menos a 1,50 metros abaixo do piso atual, fazendo a equipe suspeitar tratar-se do antigo adro da igreja e cruzeiro. Foram abertas cinco janelas (valas) de prospecções e foram confirmadas as suspeitas (ZANCHETI et al., 2006, p. 27).

Segundo esse relatório, os trabalhos de prospecção nas cinco janelas foram concluídos no mesmo ano de 2002. Não muito tempo depois, os buracos foram provisoriamente encobertos após ficarem algum tempo expostos, prejudicando o funcionamento do complexo conventual, já que o adro é parte integrante da trama arquitetônica e urbana do conjunto, tanto no que se refere à sua continuidade estética quanto em relação ao uso tradicional (procissões, festas, concentração de pessoas) ou contemporâneo (estacionamento, brincadeiras das crianças, usufruto da comunidade local). Como a situação era insustentável, a Prefeitura, por meio da Diretoria de Patrimônio Histórico, tomou a decisão de desenvolver um projeto definitivo, visando a uma solução que viabilizasse a exposição das peças encontradas. A proposta se baseava em empreender uma grande escavação em todo adro franciscano, recuperando o nível subjacente da primeira ocupação do pátio, após a fundação do convento em 1585 (um ordenamento arquitetônico e urbano extinto há pelo menos 350 anos). O plano foi encaminhado à instituição estadual de preservação, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Pelo que parece, o projeto foi integralmente aprovado, já que a conformação topográfica centenária do largo foi implacavelmente eliminada em prol do resgate da camada inferior de seu assentamento original.

A imagem derivada da intervenção realizada é desoladora: no lugar da rica trama barroca, decantada desde a reconstrução do convento, em meados do século XVII, o que se vê é uma insólita cratera que exibe uma pequena quantidade de

escombros arqueológicos, sem qualquer possibilidade de leitura e compreensão por parte do público leigo. O equilíbrio paisagístico ancestral, fundado no lento desenvolvimento de um cenário dramático que conciliava o espaço urbano, o pátio sagrado franciscano, o cruzeiro monumental, a paisagem natural fronteiriça, a complexa volumetria do conjunto de edifícios da ordem, bem como seu teatral frontispício, virtualmente lançado à frente pelo recuo do único campanário disposto à esquerda, foi totalmente perdido ao se alterar radicalmente a composição topográfica do adro (FIG. 14 e 15).



Obviamente, o cruzeiro franciscano ficou desambientado quando foi abaixado o nível no qual sua imponente base se assentava; uma rústica plataforma foi improvisada ao se retirar a terra que sustentava a peanha da cruz. Por sua vez, a rua que passa adjacente à fachada do complexo, e que concluiria o adro em seu encontro com a igreja, foi preservada. Mas, se antes havia uma continuidade coerente entre o pátio e a via, quiçá em função de uma intervenção que os teria ligado a partir de uma suave rampa, após a implantação do plano de escavação, que rebaixaria todo o Pátio Franciscano, passaria a existir um incoerente desnível que separaria negativamente as duas estruturas (igreja-convento e adro). Não houve a preocupação na elaboração de um desenho de qualidade para criar a necessária transição proveniente da diferença de cota criada pelos arqueólogos: pelo contrário, o adro, que tem a implantação mais dramática entre todos os conjuntos religiosos

Figura 14 • Situação atual do Pátio Franciscano de Olinda. Com as escavações e o rebaixamento do piso, o cruzeiro ficou totalmente desambientado, acima da improvisada plataforma de pedra. Fonte: fotografia do autor, 2008.



Figura 15 • Situação atual do Pátio Franciscano de Olinda. Os entulhos arqueológicos diluídos no novo piso não despertam interesse algum. Fonte: fotografia do autor, 2008.

do centro histórico (Patrimônio Mundial) de Olinda, receberia improvisadas escadarias e guarda-corpos metálicos para se resolverem os problemas dos percursos verticais criados, sem nenhuma acessibilidade a deficientes físicos.

Segundo Zancheti,

O projeto aparece mais como uma proposta de revelar um passado perdido. Desconsidera o trabalho secular construtivo e de formulação de uma concepção artístico-barroca do espaço urbano que integrou o adro à fachada do Conjunto Franciscano, ao cruzeiro, aos caminhos e à vegetação, em uma topografia acidentada (ZANCHETI et al., 2006, p. 29).

Ou seja, em nome da exposição de pequenas faixas de pisos, além de poucos vestígios de muros de alvenaria de pedra perdidos no novo calçamento que hoje cobre a fenda aberta a pedido dos técnicos do Patrimônio Histórico da Prefeitura de Olinda, uma composição arquitetônica e urbana absolutamente preservada foi destroçada. Curiosamente, isso acontece em um momento em que os conventos que conformariam a chamada “Escola Franciscana do Nordeste” passam por análise para entrarem na lista da UNESCO de patrimônio mundial (FIG. 16 a 18).



Figura 16 • Desnível entre a rua e o pátio após as escavações. Fonte: fotografia do autor, 2008.



Figura 17 • Desnível entre a rua e o pátio após as escavações; escombros. Fonte: fotografia do autor, 2008.



Figura 18 • Situação atual do Pátio Franciscano de Olinda. Perceber os parcos registros arqueológicos expostos. A parte rebocada dos muros laterais marca o antigo nível topográfico do adro. Em frente à igreja, percebe-se o desnível criado pelas escavações em relação à via que passa adjacente à igreja. Fonte: fotografia do autor, 2008.

Considerações finais

Em todas as situações debatidas, é possível perceber um conflito que costuma afetar as intervenções pelas quais o patrimônio edificado passa, seja na dimensão da Arquitetura, seja no que se refere à continuidade do espaço urbano (à gradativa conformação visibilística de sua paisagem). Por um lado, descortina-se o desejo de se reviver os resquícios documentais que esclareceriam as formas primevas de assentamento da área especifi-

ca na qual a ação de “preservação” deveria ser empreendida. Por outro, clama-se pela recuperação daquele substrato mais superficial que coincide, simplesmente, com a própria ocupação urbana aflorada, fruto de um coerente desenvolvimento ancestral, uma configuração decantada em séculos de ações sobre o tecido da cidade, plenamente visível, viva e animada, ao mesmo tempo profundamente aprazível ao transeunte, ao espectador. Esse conflito poderia ser reduzido a um problema mais genérico: a frequente incapacidade de conciliação entre privilegiar a história ou considerar a arte em uma intervenção que atue sobre uma preexistência material.

De fato, a recuperação das camadas arqueológicas subjacentes, e a sua exposição ao ar livre, pressupõem a perda inevitável de fragmentos importantes da obra de arte coletiva, que é a própria cidade histórica; e aqui não se está fazendo referência a qualquer núcleo urbano, é claro, mas àqueles poucos que comovem o fruidor com sua cativante unidade estética e paisagística. Para além do mais, a tábula rasa que aniquila a massa edificada e o desenho de áreas inteiras não provoca somente perdas artísticas inestimáveis, contribui para a extinção de importantíssimos documentos históricos atrelados à Arquitetura e à cidade; bairros tradicionais, quarteirões, ruas, praças, bem como a edificação que sucessivamente foi conformando a cidade para além de seu plano bidimensional.

Em outra direção, a preservação desses fatos urbanos não determina a perda das camadas arqueológicas inferiores, ocultas abaixo do substrato superficial; pelo contrário, mesmo não visíveis e acessíveis, elas estão ali, protegidas, intocadas, soterradas sob as fundações de construções civis, palácios, igrejas, ou ocultas pela pavimentação de cidades medievais, renascentistas, barrocas, coloniais, oitocentistas, modernas.

Contudo, por mais contraditório que possa ser, as intervenções mutiladoras e destruidoras de cunho arqueológico, que eliminam para sempre trechos importantes dos centros históricos, são cometidas invariavelmente em nome da história; sempre sob a aura sagrada do respeito pelo passado e do resgate pelos documentos mais antigos. Todavia são um verdadeiro afronte aos testemunhos artísticos, arquitetônicos, urbanísticos, a tudo que reside acima dos mais profundos extratos arqueológicos, causando perdas irreversíveis em registros essenciais do desenvolvimento da arquitetura e da cidade, que revelavam muito sobre as formas de apropriação das comunidades em relação ao espaço que habitavam. É claro que, quando o que se perde é pouco relevante, tanto como documento histórico quanto como expressão artística vinculada à esfera maior da cidade enquanto obra de arte, mas também como espaço social de trocas, de convívio, afetivamente vinculado à memória de seus habitantes, e o que se acha é absolutamente relevante e imprescindível, as destruições na camada superficial seriam pertinentes. Mas os dois casos paradigmáticos aqui tratados denunciam o usual aniquilamento de importantes documentos da história urbana, além da fragmentação de inebriantes paisagens citadinas

consolidadas, sem que o ganho seja justificável, pelo menos na interpretação do autor.

É preciso admitir que, no caso do Templo Mayor, o que se expôs após a mutilação do tecido urbano é do maior interesse, e o tratamento recebido pelo sítio arqueológico é dos melhores. Mas será que não poderia haver uma ação conciliadora? Segundo Leonardo López Luján e Ximena Chávez Balderas, a ideia de se empreender escavações subterrâneas esbarraria em alguns obstáculos intransponíveis na Cidade do México:

Uma maneira certa de salvar esta classe de obstáculos seria por meio de explorações subterrâneas que permitissem o estudo dos níveis arqueológicos mais profundos, sem alterar os monumentos da superfície. Porém as obras desse tipo são praticamente inimagináveis no centro histórico da Cidade do México por duas razões simples. Por um lado, o subsolo do antigo vale lacustre é extremamente instável devido a estar constituído por argilas compressíveis e pelo fato de ser objeto de exploração indiscriminada dos seus mantos aquíferos para satisfazer às demandas da população atual. Por outro, o centro tem um subsolo difícil de penetrar, dada a existência de um nível freático elevado e de espessas capas de cimentação sulcadas por redes anárquicas de água potável, drenagem e cabeamento elétrico.

Se isso não fosse pouco, imediatamente abaixo desse substrato, localizam-se os níveis mais antigos da Nueva España, os quais datam do período compreendido entre 1521 e 1650. Essas capas se distinguem pela inusitada abundância de elementos culturais que testemunham a vida opulenta dos conquistadores e de seus descendentes no centro hispânico mais pujante de ultramar. Para além das camadas coloniais, encontram-se as mexicas, terrivelmente danificadas pelos enfrentamentos bélicos de 1521 e pela demolição sistemática dos edifícios empreendida após a conquista¹⁰ (LUJÁN, BALDERAS, 2010, p. 296, tradução nossa).

Mesmo aceitando a impossibilidade de prospecções subterrâneas, talvez existisse uma solução que mantivesse a continuidade estética e paisagística do cenário urbano e, ao mesmo tempo, permitisse a exposição dos vestígios astecas descobertos. Na verdade, a importância dos edifícios que foram demolidos residia, essencialmente, na sua condição de moldura construtiva formada por uma arquitetura ordinária que compunha aquele “fundo” regular de casarões que caracterizava as cidades ordenadas hispano-americanas, em seu contraste com os monumentos do poder oficial, e, especialmente, em oposição às construções religiosas (mais especificamente, no contraponto com a catedral vizinha). Ou seja, o espaço interno da arquitetura civil não importaria para a preservação da continuidade artística da paisagem urbana do centro histórico; apenas sua volumetria e as fachadas, por assim dizer, afetariam esteticamente a composição do tecido urbano.

Nesse sentido, não seria possível manter apenas a caixa mural dos 13 edifícios que compunham os quarteirões afetados e empreender as escavações em seu espaço interno

10. A defesa dos arqueólogos mexicanos parece contraditória, a partir do momento em que, no Proyecto Templo Mayor, as camadas subjacentes que testemunhariam as primeiras ocupações hispânicas seriam dizimadas em nome da exposição das ruínas astecas.

“oco”, conservando suas paredes exteriores e seus telhados? Não seria interessante a oportunidade de se desenvolver um projeto contemporâneo de arquitetura que permitisse a adequada e segura exibição dos testemunhos arqueológicos (protegidos das intempéries), com uma iluminação especial, passarelas elevadas, mezaninos, com seus espaços encerrados pelas cascas das construções preexistentes, ambientes integrados às prospecções exteriores que coincidissem com os quintais antigos ou os pátios a céu aberto? O próprio museu do complexo arqueológico não poderia ser constituído nos pavimentos superiores dos casarões, nos mezaninos, acima da exposição dos vestígios arqueológicos? Não seria profundamente instigante e didático?

As ações no Pátio Franciscano de Olinda caminharam, por sua vez, para um desfecho bem pior. Na cidade pernambucana, o que se revelou, causando a grande mutilação do adro, é muito pouco significativo. Na verdade, a intervenção arqueológica dos técnicos da prefeitura, ou seja, os “destroços” a céu aberto em meio ao largo rebaixado, prejudicam sobremaneira a apreciação da praça. Por que não recobrir as camadas inferiores, já estudadas, e restaurar o Pátio?

Referências

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2. v.

CAMPELO, Glauco de Oliveira. **O brilho da simplicidade**: dois estudos sobre a arquitetura religiosa no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Departamento Nacional do Livro, 2001.

CEHOPU. **La ciudad hispanoamericana**. El sueño de un orden. Madrid: Cehopu, 1989.

HARDOY, Jorge Enrique. **Ciudades precolombinas**. Buenos Aires: Infinito, 1999.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. Mesoamérica antes de 1519. In: LEÓN-PORTILLA, Miguel *et al.* **América Latina en la época colonial**: España y América de 1492 a 1808. Barcelona: Crítica, 2003. v 1.

LOPEZ, Enrique Espinoza. **Ciudad de México**: compendio cronológico de su desarrollo urbano 1521-2000. Ciudad de México: Instituto Politécnico Nacional, 2007.

LUJÁN, Leonardo López; BALDERAS, Ximena Chávez. Al pie del Templo Mayor: excavaciones en busca de los soberanos mexicas. In: LUJÁN, Leonardo López; MCEWAN, Colin (org). **Moctezuma II**: tiempo y destino de un gobernante. Ciudad de México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2010, p. 294-320.

MENEZES, José Luiz Motta. Olinda, PE. In: PESSÔA, José; PICCINATO, Giorgio. **Atlas de centros históricos do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

NICOLINI, Alberto. La ciudad hispanoamericana, medieval, renacentista y americana. **Atrio**, Revista de Historia del Arte, Universidad Pablo de Olavide, Sevilla, n. 10-11, p. 27-36, 2005.

ZANCHETI, Sílvia Mendes *et al.* **Conjunto Franciscano de Olinda**: Plano Diretor de Conservação: Relatório Intermediário. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2006.

Recebido em 07/04/2014
Aprovado em 12/05/2014

Contato dos autores:

Juliana Cardoso Nery
e-mail: jcnery19@yahoo.com.br

Rodrigo Espinha Baeta
e-mail: rodrigobaeta@yahoo.com.br